

BOTELHO, Jeanne Cristina Sampaio⁽¹⁾; ELÓI, Aloísio do Carmo⁽²⁾; FREITAS, Isabela Souza⁽³⁾; JESUS, Ângelo Magno de⁽²⁾; MOREALE, Tamiris Lana⁽⁴⁾; MOURA, Heleniara Amorim⁽²⁾; OLIVEIRA, Fabrício Marques⁽²⁾; SANTOS, Ana Luísa da Silva⁽⁵⁾; TEIXEIRA, Rodrigo Barbosa⁽²⁾. **Perdidos no espaço, no caminho da memória: desafios de um grupo de teatro estudantil.** Ouro Branco: Instituto Federal de Minas Gerais. (1) Técnica em Assuntos Educacionais e Coordenadora do Projeto Teatro Literário do IFMG/Congonhas (2) Coordenadora e Colaboradores do projeto “Insuportável Cia. de Teatro” e Professores EBTT do IFMG/Ouro Branco. (3) Aluna bolsista PIBEX Jr. do IFMG/Ouro Branco. (4) Aluna bolsista PIBIC Jr. do IFMG/Ouro Branco. (5) Aluna bolsista PIBIC do IFMG/Ouro Branco.

RESUMO: Este trabalho estabelece-se a partir da criação, em 2016, da Insuportável Cia. de Teatro, grupo de teatro estudantil do IFMG/Ouro Branco/MG, hoje, composto por 20 estudantes de escolas públicas da cidade. Com aulas semanais de preparação corporal e vocal, o grupo possui como norteadores os Jogos Teatrais de Viola Spolin e outros processos de construção artística, constituídos a partir de cada espetáculo. Em 2018, a montagem de “Siderações”, um recital cênico-poético, foi uma das mais complexas realizações do grupo, especialmente, pelo teor de sua matéria-prima: a inspiração nos corpos desenhados pela dançarina Pina Bausch, a composição dos haikais escritos pelos alunos e figurinos em tons fosforescentes sob a luz negra. Nesse universo, corpos celestes das mais diversas naturezas foram transformados em corpos cênicos pelos atores, que a eles deram cor, sentido e poesia. Já em meados do ano, em parceria com a UFSJ, o trabalho do grupo voltou-se para a memória da produção artística da atriz mineira Lysia de Araújo. Num enlace entre a pesquisa e a extensão, o trabalho organizou o acervo da artista, doado em 2012 aos Acervos Teatrais da UFSJ, e realizou a digitalização de parte da documentação, em especial, dos datiloscritos de suas peças teatrais. Assim, o projeto promove a acessibilidade a esses arquivos, não apenas em documentos digitais, mas também em montagens teatrais que levam essa memória ao público em geral, em ações transdisciplinares nas quais diversos saberes dialogam. O grupo encontra-se na última fase do projeto: a montagem da peça de Lysia de Araújo, “Quem garante?”, em parceria com o Projeto Teatro Literário do IFMG/Congonhas/MG. **PALAVRAS-CHAVE:** Teatro Estudantil; Criação Artística; Memória; Saberes transdisciplinares.

Lost in space, on the path of memory: challenges of a student theater group.

ABSTRACT: This work is based on the creation, in 2016, of the *Insuportável Cia. de Teatro*, a student theater group of the Federal Institute of Minas Gerais (IFMG), located in the municipality of Ouro Branco, that is nowadays composed of 20 students from public schools of the city. With weekly classes of body and vocal preparation, the group has as guiding elements the theatre games of Viola Spolin and other artistic construction processes, constituted from each performance. In 2018, the assembly of “*Siderações*”, a scenic-poetic recital, was one of the most complex accomplishments of the group, especially for the

content of its raw material: the inspiration from the bodies designed by the dancer Pina Bausch, the composition of *haikais* written by the students and costumes in phosphorescent tones under the black light. Regarding this universe, celestial bodies of the most diverse origins were transformed into scenic bodies by the actors, who would give them color, sense and poetry. By the middle of the year, the work of the group, in partnership with the federal University of São João del-Rei (UFSJ), focused on the memory of the artistic production of Lysia de Araújo, an actress from Minas Gerais. In a link between the research and extension, the work organized the artist's collection, donated in 2012 to the Theatrical Collections of the UFSJ, and digitalized some documents; in particular, the typewritten texts of her theatrical plays. Thus, the project promotes accessibility to these files, not only in digital documents, but also in theatrical assemblies that take this memory to the general public, in transdisciplinary actions in which knowledge from diverse origins interact. The group is at the last stage of the project: the assembly of a piece by Lysia de Araújo called, "*Quem garante?*", in partnership with the Literary Theater Project of the IFMG campus, located in the city of Congonhas.

KEYWORDS: Student Theater; Artistic Creation; Memory; Transdisciplinary knowledge.

1. Considerações iniciais

Dar vida à matéria é refletir-se nela.
Ana Maria Amaral

Ouro Branco é uma cidade em Minas Gerais que possui poucas atividades de artes cênicas: são eventuais as apresentações de dança e teatro, o município não possui salas de teatro ou cursos de artes cênicas gratuitos. A *Insólita Casa de Artes* (única associação de artes cênicas que havia na cidade) deixou de se estabelecer no município em 2017 por sérias dificuldades financeiras, mesmo realizando ações importantes em prol da arte teatral. Além disso, hoje, poucas são as escolas da cidade que trabalham as atividades das artes cênicas como conteúdo fundamental dentro do quadro educacional e deixam de lado uma ferramenta pedagógica de amplas projeções. O teatro no ambiente escolar traz novas formas de aprendizagem que se mostram interessantes e diferenciadas daquelas que os alunos presenciam no cotidiano da vida escolar. A arte teatral possibilita uma maior capacidade de expressão de pensamentos e ideias dentro do grupo, contribuindo cada integrante com uma parte da produção. Como salienta Zecarlos de Andrade, "sobre o palco, a imaginação torna-se real e a sociedade dá o aval para que possamos ser o que somos" (ANDRADE, 1996, p.12), não importando as nossas diferentes

capacidades dentro do processo produtivo. Sendo assim, o teatro pode ser considerado um espaço educativo que trabalha de maneira acentuada o aspecto da inclusão social do indivíduo. No teatro, todos têm sua função e a função de cada é extremamente importante para a construção do produto final.

Sendo o teatro uma arte composta por tantas outras, além de possibilitar uma leitura mais aguçada de cada parte que o compõe, ele também auxilia na leitura de todas essas artes em um conjunto vivo e ativo, ou seja, trabalha tanto uma leitura fragmentada dos diferentes textos artísticos, como também uma leitura maior e mais ampla da formação de um conjunto único de arte. É uma arte plural que abre caminhos de leitura, aguça a mente a novas experiências de compreensão e conhecimento, além de estabelecer claramente a importância do trabalho coletivo. Como acentua Zecarlos Andrade:

Através da linguagem teatral, a classe vive uma experiência gratificante, em que cada um é capaz de criar seu próprio espaço, preenchendo-o com seus conhecimentos e habilidades de forma adequada. (...) Todos os envolvidos deverão ter uma tarefa determinada. Ninguém poderá ficar de fora (ANDRADE, 1997, p. 12).

Outro ponto importante refere-se à questão da formação de um público para teatro, fator que preocupa a classe artística do gênero, que nas últimas décadas, tem perdido cada vez mais seus espectadores. A estudiosa Barbara Heliodora enumerava em suas críticas os fatores do esvaziamento das salas de teatro, “colocando como o mais patente de todos, a não inserção das obras dramáticas de nossos autores nos currículos educacionais de nossas escolas” (FERNANDES, 2004). Em recente entrevista à revista *Época* (17/01/2014), Barbara Heliodora, pouco antes de seu falecimento, ainda afirmou que faltava ao Brasil uma cultura teatral mínima. Nas palavras da estudiosa: “As pessoas não sabem nada do passado. Não têm perspectiva histórica”¹ (HELIODORA apud GIRON, 2014).

E sendo o público um componente essencial para a existência do teatro, seria primordial um trabalho de reintegração dessa arte ao contexto educacional. Sobretudo, reconhecer uma função primordial do teatro: “a de educar, concretizar desejos, modificar o presente, preparar situações novas

¹ Entrevista cedida ao jornalista Luís Antônio Giron da revista *Época* em 2014. O texto foi compilado em um artigo intitulado “Barbara Heliodora, a maior crítica de teatro do Brasil, sai de cena”, em razão da aposentadoria da crítica teatral brasileira aos 90 anos.

para o futuro. Sendo que o teatro reflete, dessa maneira, a pessoa e a comunidade. E no que reflete, as amplia e transforma” (AMARAL, 1995, p. 08). A partir dessa referência de Ana Maria Amaral, colocou-se neste trabalho a intenção de dar vida à matéria humana e fazer com que os alunos conseguissem refletir sobre seus anseios, pensamentos, ideias e desejos num trabalho de atuação sério, que pudesse levar aos espectadores um produto artístico de qualidade. Um jovem que faz teatro ou se torna espectador de peças de teatro na escola poderá se tornar um futuro espectador de peças teatrais em casas de teatro, poderá mais: extrair dessa matéria efêmera que é a arte teatral, uma semente de reflexão para toda a vida.

O objetivo do trabalho foi utilizar o teatro como ferramenta pedagógica dentro do contexto escolar, observando seu valor educativo na aquisição de conhecimento e sua capacidade de integração social entre indivíduos de diferentes capacidades, por meio da formação de um grupo teatral estudantil. Já em 2016, a recém-criada “Insuportável Cia. de Teatro” apresentou montagens importantes como a peça *Sabatina*, de Ildeu Ferreira, parceria com a Insólita Casa de Artes. A partir de 2017, o projeto deu início a um trabalho coletivo que buscou refletir o universo biográfico de jovens e adolescentes, aprofundando as possibilidades do teatro em sua busca por “dar vida à matéria humana”, nas palavras da estudiosa Ana Maria Amaral, e fazer com que os alunos conseguissem refletir sobre seus anseios, pensamentos, ideias e desejos na produção da arte teatral. Os resultados desse processo foram as produções dos esquetes teatrais intitulados *A ceia sã* e *Casa de papel, bonecas de pano*, abordando temas como sexualidade, abuso de drogas, violência doméstica, entre outros assuntos presentes na vida de jovens e adolescentes. Em parceria com o NAAE (Núcleo de Apoio ao Educando e ao Educador) do IFMG - Campus Ouro Branco, as apresentações dos esquetes foram realizadas nas escolas públicas da cidade, acompanhadas por profissionais do referido núcleo e seguidas de rodas de conversas com os estudantes.

A metodologia utilizada desde 2016 pautou-se em duas a quatro aulas semanais de teatro, que são iniciadas em março de cada ano. Em 2018, as aulas foram ministradas a um grupo de 20 alunos entre 15 e 18 anos, tendo

como princípios a consciência do gesto, da voz e da intenção. Os participantes são estudantes matriculados no Ensino Médio dos cursos técnicos integrados do Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Ouro Branco e de escolas públicas da cidade. A abertura para novas instituições de ensino veio da demanda de alunos que assistiram aos espetáculos nas escolas e que, em contato com integrantes da companhia teatral, manifestaram interesse em participar do grupo. Durante as aulas, mesclaram-se, frequentemente, os jogos de representação a outras formas de arte, não apenas para sensibilização dos próprios sentidos, como também num processo de aprimoramento de conhecimentos técnicos. Dentro da proposta de montagem cênica a ser realizada, eram delineados os caminhos de aprendizagem a seguir. A possibilidade de uma coreografia levava os estudantes a aulas de dança, a construção do figurino, a aulas de pintura em tecido, a presença do poético, a aulas de literatura, entre outras atividades realizadas com o grupo ao longo da construção artística experimentada por cada membro.

O grande trabalho teórico norteador da metodologia deste trabalho foi o livro *Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin*, importante obra “com a proposta de ensinar, passo a passo, para crianças, adolescentes e adultos, as estruturas da linguagem teatral, por meio da delicada teia da aprendizagem do artesanato e da criatividade no jogo teatral”². A partir da sequência didática conduzida por Spolin, chegou-se a uma proposta de teatro vinculada às vidas de nossos jovens atores em relação aos temas abordados. Cada aluno elabora o personagem a partir de sua vivência de mundo, numa aproximação conceitual com a proposta da memória das emoções, de Constantin Stanislavski, em que

Podemos tomar de empréstimo roupas, um relógio, toda espécie de coisas, mas é impossível tomar de outra pessoa sentimentos. Os meus sentimentos são meus, inalienavelmente. É possível compreender um papel, simpatizar com a pessoa retratada e pôr-se no lugar dela, de modo a agir como essa pessoa agiria. Isso despertará no ator sentimentos que são análogos aos que o papel requer. Mas esses sentimentos pertencerão não à pessoa criada pelo autor da peça, mas ao próprio ator (STANISLAVSKY, 1982, p. 196).

Temos, assim, como matéria-prima, a experiência de cada um dos envolvidos no fazer teatral, gentilmente cedida ao personagem. Nesse sentido,

² Nota escrita por Ingrid Koudela à Edição Brasileira dos fichários dos “*Jogos Teatrais*” de Viola Spolin. In: SPOLIN. *Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin*, p. 09.

todo o processo de roteiro, direção artística e produção foram realizados pelos componentes do grupo. Mesmo quando foram contrapostos à criação de corpos celestes, esses alunos estiveram atrelados a um espaço de criação que partia de si. Dessa forma, o

espaço autobiográfico permite que estejam no palco, ao mesmo tempo, o personagem e o criador. É um jogo de espelho com a ficção: o sujeito da criação torna-se personagem e o próprio personagem cria o sujeito da criação. Criador e criatura estão juntos no mesmo espaço, em um processo de identificação entre arte e vida (...) (RIBEIRO, 2006, p.39).

A partir dessa consciência, um texto coletivo ganhava vida durante o trabalho das aulas e surgia a possibilidade de composição de uma obra de arte coletiva. Essa compreensão do humano dentro de uma esfera do coletivo é extremamente importante para o desenvolvimento emocional e cognitivo dos jovens. Esse processo amplia o diálogo entre os pares e a sociedade. Como ressalta Ingrid Koudela:

De acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, a experiência do teatro na escola deve ampliar a capacidade de dialogar, desenvolvendo a tolerância e a convivência com a ambiguidade. No processo de construção da linguagem, a criança e o jovem estabelecem com seus pares uma relação de trabalho, combinando sua imaginação criadora com a prática e a consciência na observação de regras de jogo. O teatro como diálogo entre palco e plateia pode se tornar um dos parâmetros de orientação educacional nas aulas de teatro (KOUDELA, 2008, p. 15).

Assim, a composição das montagens teatrais realizadas pelos alunos não somente ampliou a capacidade de convivência com o diverso personificado em outro ator, mas também aprofundou o processo de criação. Além disso, o ator/aluno se submeteu ao olhar do público, estabelecendo uma relação de cumplicidade entre a arte e plateia. Em 2018, o trabalho do grupo voltou-se para duas montagens: o recital cênico-poético “*Siderações*”, apresentado nas *Noites Astronômicas*³ e a peça “*Quem garante?*”, escrita pela atriz mineira Lysia de Araújo.

2. Perdidos no Espaço: a montagem e estreia de **SIDERAÇÕES**

Durante os meses de abril e maio de 2018, o grupo laborou o recital cênico-poético *Siderações*, num processo de experimentação jamais vivido

³ Evento do IFMG Campus Ouro Branco, realizado pela área de Ciências da Natureza, com palestras, seguidas de observação do céu, destinadas a professores, estudantes e público em geral.

pelos atores que se transformaram em corpos celestiais, numa dança de luz, poesia e movimento. O processo de construção artística de *Siderações* foi uma das mais complexas realizações do grupo. O ponto de inspiração deu-se a partir do filme “*Pina*” de Wim Wenders, quando os alunos tiveram contato, alguns pela primeira vez, com o universo da dançarina Pina Bausch. O processo contou ainda com oficina da professora Marina Brandt da *Cia. Lótus de Dança* (Figura 1) com o objetivo de auxiliar na construção de uma partitura coreográfica dos atores que traduzisse a poética desse corpo celeste, sua movimentação no espaço, sua rotação, o tempo de cada planeta, asteroide, estrela e satélite criados pelos corpos dos atores nesse universo sideral. Havia, nesse sentido, o desafio de corporificar algo que não é humano. Como traduzir em movimentos de um corpo humano a representação de um corpo celeste? O trabalho partiu de análises variadas, muitas vezes tangenciadas pelo olhar mitológico dos deuses do olimpo personificados em planetas. A partitura criada pelo ator que atuou como Vênus, por exemplo, trouxe a estética do amor e da paixão para seus movimentos. Outros estudantes criaram a partir de dados de rotação dos planetas e luas, pensando diversas dimensões de tempo e espaço. Assim, a partir de composições de pesquisa que eram subjetivas, os estudantes foram construindo sua partitura coreográfica.

Figura 1 – Oficina de Dança com a professora Marina Brandt.



Fonte: Arquivo Insuportável Cia. de Teatro.

Além disso, foi realizada uma oficina de poesia, que levou os alunos ao conhecimento dos *haikais*, poemas de origem japonesa, com três versos. O trabalho possibilitou o contato com as imagens poéticas presentes no gênero e a compreensão dessa estética literária. O objetivo da atividade foi estimular a produção poética dos próprios jovens e, ao final do processo, os *haikais* autorais compuseram o espetáculo. Os figurinos foram desenhados com o auxílio de Aline Cristina Viana Rocha, estilista sustentável, e foram tingidos em tons fosforescentes, para destacarem os movimentos sob a luz negra. Nesse universo, corpos celestes das mais diversas naturezas foram transformados em corpos cênicos pelos estudantes-atores, que a eles deram cor, sentido e poesia ao longo ensaios extenuantes (Figura 2).

Figura 2 – Ensaio de “Siderações”, em abril de 2018.



Fonte: Arquivo Insuportável Cia. de Teatro.

A pré-estreia do espetáculo aconteceu em 17 de maio de 2018 no espaço *Germinar* da Empresa Gerdau, em Ouro Branco, e contou com um público de educadores e discentes. O espetáculo buscou sensibilizar o espectador para a observação do céu e durante a apresentação, o recital poético *Siderações* (Figura 3) mesclou a *Canção Sentimental* do compositor Heitor Villa-Lobos a sons sintetizados. O cenário foi composto por um jogo de luzes negras que fizeram brilhar os figurinos fosforescentes e brancos. Os atores movimentavam-se numa lona coberta por uma areia branca e esse conjunto de luzes e materiais possibilitou aos espectadores um jogo sensorial de sons e cores. Durante a sideração dos corpos celestes interpretados pelos

atores, acontecia então o recital poético. Ao serem recitados, os versos dos *haikais* davam outra movimentação à cena, como se o cosmos obedecesse a um ritmo mais lento e cada planeta representado ganhava, assim, em palavras, sua dimensão poética. Ao final do espetáculo, todos os corpos celestes eram sugados pelo buraco negro, um sorvedouro que dava fim à cena de música e poesia de um universo insuportável. Como o espetáculo foi pensado para ser realizado em espaços abertos, houve no espaço da estreia, a feliz coincidência dos atores apresentarem num teatro de arena, em meio a uma floresta serrana, onde a presença de sons naturais, como os barulhos do vento, das águas do lago e dos animais noturnos tornaram-se cacos teatrais que suplementaram a proposta em cena.

Figura 3 – Junto ao público, a apresentação de *Siderações* em 17 de maio de 2018.



Fonte: Arquivo Insuportável Cia. de Teatro.

No entanto, o espetáculo ainda pesa para cia. como um processo rico em aquisição de conhecimento, mas de difícil execução. Como o processo se baseava no conceito da “físicação” presente nos jogos teatrais de Spolin, os estudantes tinham como grande desafio a aquisição de uma consciência corporal que, nas palavras de Ricardo Japiassu, possibilitasse “ao educando descobrir as possibilidades expressivas do seu corpo e compreender o princípio semiótico da linguagem teatral” (JAPIASSU, 2008, p.17). Nesse

sentido, a montagem de *Siderações* tangenciou muitas técnicas e linguagens, ampliando o vocabulário corporal dos estudantes e, de certa maneira, libertando esse corpo quase sempre contido na imobilização da carteira da sala de aula. Não foram poucas as menções desses alunos às aulas corporais do grupo como um espaço de liberdade para seus corpos, mais ainda, como um espaço também de afetividade e segurança.

3. No Caminho da Memória: a Montagem da Peça *QUEM GARANTE?*

Em agosto de 2018, a Insuportável Cia. de Teatro deu início ao processo de montagem da peça *Quem garante?* da escritora mineira Lysia de Araújo. A autora da peça é objeto de um projeto de pesquisa intitulado *Corpos Escritos, Corpos Digitais, Corpos Cênicos: A Memória Viva dos Acervos Teatrais*⁴, desenvolvido no IFMG Campus Ouro Branco. A atriz e escritora mineira Maria Lysia Corrêa de Araújo (1921-2012) produziu uma literatura diversificada, apresentando um conjunto de composição literária em variados gêneros como o drama, a crítica teatral, a crônica, o romance e o conto. Além disso, como atriz, esteve presente em montagens expressivas à época, sendo premiada na Escola de Arte Dramática de São Paulo. A múltipla artista morou em várias cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Belo Horizonte, participando de grupos teatrais importantes como o Arena, o Oficina, a Cia Maria-Della Costa, a Cia. Tônia-Autran, entre outras, além de trabalhar com diretores como José Celso Martinez, Augusto Boal e Alfredo Mesquita. A vida de Lysia de Araújo encontra-se inserida em um momento de significativas mudanças no painel artístico brasileiro, especialmente, referentes ao teatro e à literatura nacionais⁵. A atriz escreveu, em São Paulo, duas peças representadas na EAD (Escola de Arte Dramática) em finais dos anos 1950 e início dos anos 1960, ambas construídas na estética do “Teatro do Absurdo”:

⁴ O projeto conta com parcerias importantes, entre elas, orientações da professora Fabiana Siqueira Fontana, pesquisadora com experiência na organização de arquivos e coleções inseridos no âmbito das artes nacionais e uma das organizadoras de “Arquivos e coleções privados Cedoc/Funarte: guia geral”, publicado, em 2016, pela Funarte. Além disso, conta com o auxílio de estudantes pesquisadores da Universidade Federal de São João del-Rei, entre eles, a aluna, pesquisadora do PIBIC, Isabela Francisconi e o aluno voluntário Roger Xavier. Do Instituto Federal de Minas Gerais, participam do projeto as bolsistas do PIBIC Tamiris Lana Moreale e Ana Luísa da Silva Santos e a aluna bolsista do PIBEX Jr., Isabella Freitas.

⁵ Os dados biográficos da atriz foram retirados de pesquisa realizada entre os anos de 2009 e 2015 que resultou em tese de doutoramento defendida na UFMG (ver MOURA, 2015).

“*Quem garante?*” e “*Jantar às sete*”, sendo a primeira a peça escolhida para a realização da montagem do grupo.

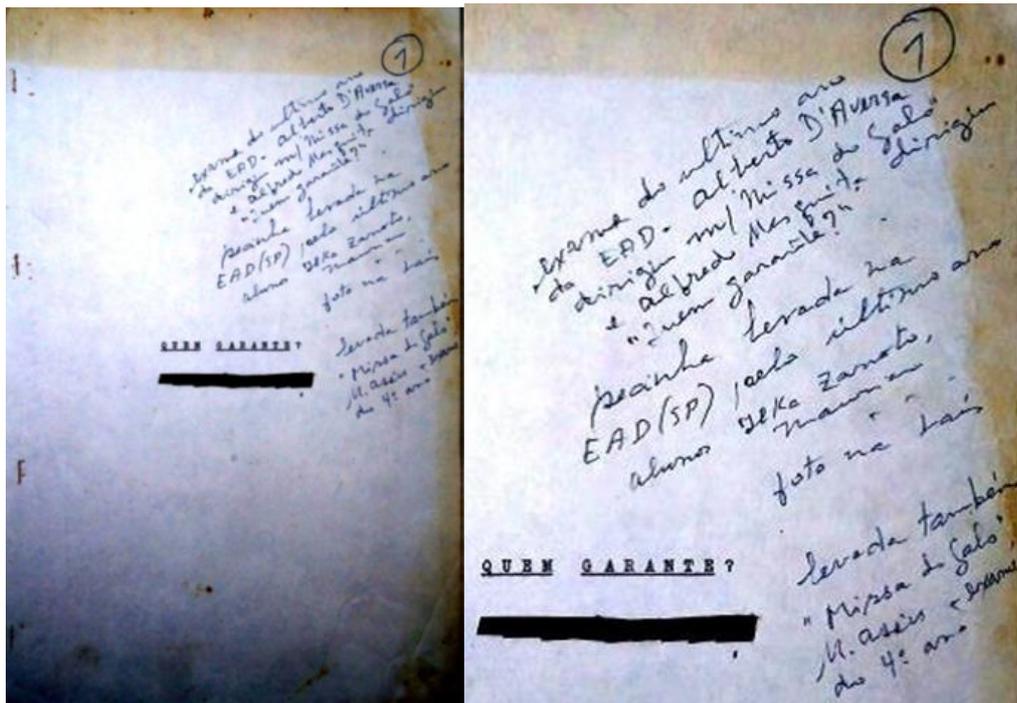
O processo de montagem da peça tem sido realizado pelos coordenadores da Insuportável Cia. de Teatro atuando como atores: Rodrigo Barbosa, Heleniara Amorim, Fabrício Marques e Aloísio Elói, e é dirigido por Jeanne Botelho, técnica em assuntos educacionais e coordenadora do Projeto Teatro Literário do IFMG/Congonhas/MG. Além disso, as bolsistas da pesquisa e da extensão Ana Luísa da Silva Santos, Tamíris Lana Moreale e Isabella Souza Freitas e os estudantes da Cia.: Caio Henrique Vieira Costa, Luísa Amorim Vieira, José Guilherme Resende S. Souza e Vinícius Maia Pereira realizam a produção do espetáculo. A intenção do processo foi levar os alunos a atuar em outros flancos para além da interpretação teatral.

A peça em um ato *Quem garante?* foi levada à cena por alunos da Escola de Arte Dramática em São Paulo no ano de 1961, sob a direção geral de Alfredo Mesquita, segundo informações manuscritas no datiloscrito (Figura 4). A própria autora denominou sua peça de “lonescada em um ato”⁶. e o texto impressiona pela total apreciação da palavra que suplanta cenários, figurinos e o corpo físico do ator. Composta por três vozes, também apresenta uma sugestiva sonoplastia e um vigoroso fundo musical harmonizado pela “Tocata e Fuga em ré menor”, peça para música de órgão composta por Johann Sebastian Bach. A peça de Lysia de Araújo, digitalizada em junho de 2018, é construída numa ótica do absurdo, especialmente, pela forma como tematiza o amor, a morte e o tempo.

Num enlace entre a pesquisa e a extensão, o trabalho tem organizado o acervo da atriz, doado em 2012 aos *Acervos Teatrais* da UFSJ e encontra-se em andamento. O espetáculo *Quem garante?* condensa o produto artístico final de um processo em que os corpos escritos dos arquivos foram transformados em corpos digitais e, posteriormente, em corpos cênicos. O objetivo foi promover a acessibilidade a esses arquivos da memória teatral do país, não apenas em documentos digitais para pesquisadores do teatro brasileiro, mas também em montagens teatrais que levam essa memória ao público em geral.

⁶ Em recorte de jornal presente em seu acervo, sem indicação de fonte ou data. Acervo Maria Lysia Corrêa de Araújo.

Figura 4 – Datiloscrito da peça “Quem garante?”.



Fonte: Acervo Maria Lysia Corrêa de Araújo/Acervos Teatrais/UFSJ.

Em 28 de setembro de 2018, foi apresentada uma leitura dramática do espetáculo a um grupo de 34 pessoas (estudantes, professores, técnicos administrativos e público externo), na unidade 2 do IFMG Ouro Branco. A produção criada pelos bolsistas e estudantes apresentou um cenário no qual quarenta cadeiras foram disponibilizadas de maneira aleatória no espaço (numa alusão ao cenário da peça “As Cadeiras” de Ionesco, representada por Lysia de Araújo). A composição do espaço cênico para a leitura dramática foi realizada numa sala escura com o chão encoberto por galhos e folhas secas, onde um incensário exalava odores à meia luz de tom amarelado, sugestão de uma cena desoladora. Ao entrar, o público foi levado às cadeiras e ficou submetido àquele cenário, até o momento em que foi vendado e assim permaneceu durante toda a peça. A partir desse momento, os espectadores viram-se mergulhados no drama em três vozes e envoltos em sensações e ruídos sugestivos (Figura 5). No início da peça, uma espécie de voz em *off* anunciou o drama. A imponência de sua fala instaura-se numa espécie de vaticínio de um destino cruel a que estão sujeitos os personagens: o doloroso vazio existencial sugerido pelas vozes que em sua imaterialidade não se veem nem como seres vivos, nem como seres mortos.

Figuras 5 – Leitura dramática de de “*Quem garante?*” em 28 de setembro de 2018.



Fonte: Arquivo Insuportável Cia. de Teatro.

As impressões sobre a leitura dramática foram diversas, sendo que as primeiras considerações giraram em torno do tema da peça: a desolação das vozes em meio ao nada. O diálogo impreciso e triste dos personagens criou nos espectadores sentimentos de solidão, tristeza e abandono; claramente acentuados por uma estrutura cênica, já que as vendas foram objetos que criaram nas pessoas uma sensação de fragilidade e insegurança num primeiro momento. Entretanto, a partir do desenrolar da cena, os recursos sonoros puderam ser sentidos em toda sua intensidade: os sussurros, os passos a quebrar galhos e folhas, o deslocamento das vozes nos espaços, a música, os gritos, as risadas e o choro, enfim, todo conjunto sensorial pôde ser experimentado num estado desperto da plateia, sobretudo impulsionado pela ausência da visão.

A produção do espetáculo, ainda em andamento, tem se voltado para a exploração ainda mais aprimorada das potencialidades sensoriais da peça. A previsão de estreia do espetáculo é o primeiro semestre de 2019 e é objetivo da Insuportável Cia de Teatro levá-lo a festivais de teatro amador na região do Alto Paraopeba em Minas Gerais. O presente trabalho é, sobretudo, um trabalho de guarda da memória teatral de nosso país especialmente ao criar nova montagem para textos até então desconhecidos. A partir desses contextos de pesquisa e extensão, surgem produções artísticas na esfera

escolar que representam mais do que aprendizagens meramente teóricas, mas um mundo de experiências práticas que os participantes levarão para suas vidas. Mais que isso, levarão para a sociedade que os circunda e para as novas gerações que hão de vir.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Ana Maria. *Teatro de animação: uma introdução*. In: Revista Teatro da Juventude. São Paulo: Coletânea organizada pela Secretaria de Estado da Cultura do Governo do Estado de São Paulo, n.º 02, 1995.

ANDRADE, Milton. *O figurino no teatro*. In: Revista Teatro da Juventude. São Paulo: Coletânea organizada pela Secretaria de Estado da Cultura do Governo do Estado de São Paulo, n.º 07, 1996.

ANDRADE, Zecarlos. *O teatro na escola*. In: Revista Teatro da Juventude. São Paulo: Coletânea organizada pela Secretaria de Estado da Cultura do Governo do Estado de São Paulo, n.º 12, 1997.

FERNANDES, Juliana Assunção. *O embate palco-platéia: reflexões a partir das críticas de Barbara Heliadora*. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/1_Edicao/O%20embate%20palcopleiteia%20reflexoes%20a%20partir%20das%20criticas%20de%20Barbara%20Heliodora%20%20Juliana%20Assuncao%20Fernandes.pdf. Acesso em 02 de janeiro de 2018.

GIRON, Luís Antônio. Barbara Heliadora, a maior crítica de teatro do Brasil, sai de cena. In: *Revista Época*, 17 jan. Disponível em: <http://epoca.globo.com/vida/noticia/2014/01/bbarbara-heliodorab-maior-critica-de-teatro-do-brasil-sai-de-cena.html>. Acesso em 20 jan. 2014.

JAPIASSU, Ricardo. Comentários de Professores sobre os jogos teatrais. In: SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais: O fichário de Viola Spolin*. Tradução: Ingrid Dormin Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2008 p. 13-19.

KOUDELA, Ingrid Dormien. Comentários de Professores sobre os jogos teatrais. In: SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais: O fichário de Viola Spolin*. Tradução: Ingrid Dormin Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 13-19.

MOURA, Heleniara Amorim. *Passagens da Memória: Ensaio biográfico sobre a artista Lysia de Araújo*. 2015. 271 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada e Teoria da Literatura) - Faculdade de Letras da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

RIBEIRO, Martha. O Novo Teatro e a explosão do espaço autobiográfico. In: *Anais do IV Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (Memória ABRACE X)*, Rio de Janeiro, 2006, p. 39-. Disponível em:

<http://www.portalabrace.org/Memoria%20Abrace%20X%20digital.pdf>. Acesso em 09 set. 2017.

SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais: O fichário de Viola Spolin*. Tradução: Ingrid Dormin Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2008.

STANISLAVSKY, Constantin. *A Preparação do Ator*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

Acervos e arquivos consultados:

Acervo Maria Lysia Corrêa de Araújo. São João del-Rei: *Acervos Teatrais* – Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais.